



Dificuldades encontradas por pais e cuidadores para o desenvolvimento de crianças autistas: uma revisão da literatura


Difficulties encountered by parents and caregivers in the development of autistic children: a literature review


 DOI: 10.55892/jrg.v6i13.767

 ARK: 57118/JRG.v6i13.767

Recebido: 14/09/2023 | Aceito: 10/11/2023 | Publicado: 13/11/2023

Deborah Marques Pereira Castro Nascimento¹


 <https://orcid.org/0009-0000-4821-9376>


 <https://lattes.cnpq.br/9482006060944448>

Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac, DF, Brasil

E-mail: deborahmpcn@gmail.com

Laura Silva Gomes²


 <https://orcid.org/0009-0005-2245-1739>


 <https://lattes.cnpq.br/3593223840605648>

Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac, DF, Brasil

E-mail: lauraagommes@gmail.com

Mariana Queiroz Loiola³


 <https://orcid.org/0009-0008-7371-1248>


 <https://lattes.cnpq.br/7000356036905666>

Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac, DF, Brasil

E-mail: queirozmary22@gmail.com

Walquiria Lene dos Santos⁴

 <https://orcid.org/0000-0001-6489-5243>

 <https://lattes.cnpq.br/4723603129713855>

Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac, DF, Brasil

E-mail: walquiria.santos@uniceplac.edu.br



Resumo

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição de desenvolvimento neurológico caracterizada por um desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, dificuldades na comunicação e interação social, e padrões repetitivos, além de um interesse restrito em atividades específicas.

Objetivo: Analisar, por meio de bases científicas, as dificuldades encontradas por pais e cuidadores para o desenvolvimento de crianças autistas. **Metodologia:** Pesquisa de revisão bibliográfica integrativa com abordagem qualitativa. **Resultados:** A assistência de Enfermagem é fundamental no acompanhamento do paciente com TEA em todo o processo de diagnóstico e tratamento. A relação entre o enfermeiro e paciente autista é essencial, uma vez que na maioria dos casos haverá a dificuldade de expressão por parte do paciente, cabendo ao profissional o olhar atencioso, a

¹ Graduando(a) em Enfermagem pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac.

² Graduando(a) em Enfermagem pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac.

³ Graduando(a) em Enfermagem pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac.

⁴ Graduado(a) em Enfermagem pela Universidade Católica de Goiás (2002); Mestre(a) em Enfermagem pela Universidade Federal de Goiás (2008).

escuta e a prestação de cuidados devem ser qualificados. Através de orientações dadas aos familiares sobre o autismo, criação de planos terapêuticos que visem à particularidade de cada criança ou paciente, é proporcionada uma melhor qualidade de vida a todos que estão envolvidos em sua criação e convivência. **Conclusão:** Diante do exposto, embora as dificuldades sejam inegáveis, também é importante reconhecer que, com o apoio adequado, essas crianças podem alcançar marcos significativos em seu desenvolvimento. À medida que a sociedade se torna mais consciente e inclusiva, a esperança é que o futuro reserve oportunidades ainda maiores para crianças autistas e seus cuidadores.

Palavras-chave: Autismo. Criança. Desenvolvimento. Enfermagem. Dificuldade. Família.

Abstract

Introduction: Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental condition characterized by atypical development, behavioral manifestations, difficulties in communication and social interaction, and repetitive patterns, as well as a restricted interest in specific activities. **Objective:** To analyze, through scientific bases, the difficulties encountered by parents and caregivers for the development of autistic children. **Methodology:** Integrative literature review research with a qualitative approach. **Results:** Nursing care is essential in the follow-up of the patient with ASD throughout the diagnosis and treatment process. The relationship between the nurse and the autistic patient is essential, since in most cases there will be difficulty of expression on the part of the patient, and it is up to the professional to have an attentive look, listening and providing qualified care. Through guidance given to family members about autism, creation of therapeutic plans that aim at the particularity of each child or patient, a better quality of life is provided to all who are involved in their creation and coexistence. **Conclusion:** In view of the above, although the difficulties are undeniable, it is also important to recognize that, with adequate support, these children can achieve significant milestones in their development. As society becomes more aware and inclusive, the hope is that the future will bring even greater opportunities for autistic children and their caregivers.

Keywords: Autism. Child. Development. Nursing. Difficulty. Family.

1. Introdução

De acordo com informações do Ministério da Saúde, o autismo, também conhecido como Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), é uma condição que se caracteriza por perturbações no desenvolvimento neurológico. Essas perturbações podem manifestar-se através de alterações na comunicação, na interação social e no comportamento, incluindo a presença de ações repetitivas, um foco intenso em objetos específicos e interesses limitados. O transtorno se manifesta em diferentes graus, variando de casos leves a níveis mais severos, que podem impactar significativamente na autonomia e independência da pessoa afetada (BRASIL, 2022).

É fundamental destacar que o autismo não deve ser concebido como uma enfermidade, mas sim como uma variação neurológica que molda a maneira como uma pessoa percebe e interage com o ambiente que a cerca. Cada indivíduo com autismo é singular, possuindo distintas habilidades, talentos e desafios. Oferecer apoio, compreensão e promover a inclusão na sociedade, desempenham um papel

crucial para que as pessoas com autismo possam atingir todo o seu potencial (SANTOS, C. A.; MELO, H. C. S., 2018).

Segundo dados dos Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos Estados Unidos, estima-se que aproximadamente uma em cada 54 crianças seja afetada pelo autismo. É relevante destacar que, ao longo do tempo, tem-se observado um aumento nessa prevalência, embora seja crucial mencionar que parte desse aumento pode ser atribuída a uma identificação e diagnóstico mais precisos (MAENNER, et al., 2021).

A prevalência do autismo varia significativamente em diferentes nações e regiões. Pesquisas indicam que as taxas de prevalência do autismo podem ser mais elevadas em nações desenvolvidas, em virtude de uma maior conscientização, acesso a serviços de saúde e critérios de diagnóstico mais abrangentes. No entanto, em países de renda baixa e média, essa prevalência ainda permanece desconhecida (OPAS, 2021).

A literatura indica que o autismo é mais prevalente em meninos, com uma proporção que pode chegar até quatro vezes maior do que em meninas. Múltiplos estudos epidemiológicos têm contribuído para enriquecer nosso entendimento sobre esse tema. Portanto, é relevante notar que as estatísticas podem variar de acordo com os critérios de diagnóstico, métodos de coleta de dados e outras variáveis (ESTRIN, 2020).

O diagnóstico do autismo é conduzido por profissionais de saúde altamente capacitados, e é estabelecido por meio de uma avaliação completa do desenvolvimento e comportamento do indivíduo. Não há um único teste ou procedimento que possa proporcionar um diagnóstico definitivo para o autismo, o que torna o processo de diagnóstico desafiador (BRASIL, 2021).

O processo de diagnóstico frequentemente abarca múltiplas fases, tais como: reunião minuciosa de informações sobre o histórico médico da criança, seu desenvolvimento, comportamento e desempenho em várias áreas, bem como a observação do seu comportamento em diferentes cenários, como em casa, na escola ou em consultórios, com o intuito de identificar padrões particulares de comunicação, interação social e comportamentos repetitivos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

A realização de testes e avaliações padronizadas para avaliar o desenvolvimento da linguagem, habilidades cognitivas, habilidades motoras e habilidades sociais e emocionais. Existem critérios específicos para o diagnóstico de autismo segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) ou outros sistemas de classificação internacionalmente reconhecidos (VOLKMAR E WIESNER, 2019).

O tratamento do autismo é um processo personalizado com o objetivo de auxiliar indivíduos que enfrentam essa condição a desenvolver habilidades, atenuar sintomas e aprimorar sua qualidade de vida. Não existe uma única abordagem universal, uma vez que as necessidades e aptidões das pessoas com autismo variam amplamente. Entretanto, algumas intervenções comuns utilizadas no tratamento do autismo incluem terapias comportamentais, desenvolvimento de programas educacionais específicos adaptados às necessidades individuais, terapia da fala e da linguagem, bem como terapia ocupacional. Além disso, podem ser implementadas estratégias para lidar com a sensibilidade sensorial, e oferecido suporte emocional e psicossocial tanto para a pessoa com autismo quanto para seus familiares (BRASIL, 2022; SECRETARIA DE SAÚDE, 2023).

É essencial que o tratamento seja adaptado às necessidades individuais de cada pessoa com autismo. Um plano de tratamento eficaz geralmente engloba uma

combinação de várias intervenções, as quais podem se desenvolver e ser ajustadas ao longo do tempo. O envolvimento ativo dos pais, cuidadores e profissionais de saúde desempenham um papel fundamental na asseguarção de um tratamento apropriado e suporte contínuo (BRASIL, 2022; SECRETARIA DE SAÚDE, 2023). A questão norteadora deste estudo foi “Como a enfermagem atua na assistência para crianças com o diagnóstico de autismo”.

Considerando o que foi apresentado, o objetivo deste estudo é investigar, com base em evidências científicas, as dificuldades encontradas por pais e cuidadores para o desenvolvimento de crianças autistas.

2. Metodologia

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa de revisão bibliográfica integrativa com uma abordagem qualitativa. A questão norteadora desta pesquisa foi: “Como a enfermagem atua na assistência para crianças com o diagnóstico de autismo”.

Na busca retrospectiva, foram incluídas publicações escritas nos idiomas português e inglês. A busca foi realizada nas bases de dados eletrônicas: Biblioteca Virtual de Saúde, *Scientific Electronic Library Online - SciELO*, *Cochrane Library* e *PubMed Advanced Search Builder*. Para a busca nas bases de dados foram estabelecidos os descritores booleanos “AND” e “OR” utilizando os Descritores em Ciência da Saúde DeSC/ Mech, as palavras chave foram “Autismo” “Criança” “Diagnóstico” “Desenvolvimento” “Enfermagem” “Dificuldade” “Família”.

Como critério de inclusão foram utilizados artigos de publicação online utilizando um corte temporal de seis anos, de 2018 a 2023. Foram excluídos artigos que não estivessem de acordo com os objetivos deste estudo. Em busca preliminar usando as palavras chave: Autismo e assistência foram encontrados 31 artigos e após filtragem foram selecionados 15 de acordo com os critérios de inclusão. O Período de coleta de dados foi iniciado em abril do ano de 2023. Foi utilizado para coleta de dados um documento no formato Excel onde foi realizada a organização dos artigos elegíveis para a pesquisa.

3. Resultados e Discussão

Quadro 1: Levantamento dos artigos pesquisados em base de dados.

Periódico	Autores/ Ano	Delineamento	Objetivo	Resultado	Conclusão
Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade	ALENCAR DE SOUZA, R. F.; PINTO DE SOUZA, J. C./2021.	A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa e quantitativa, de cunho descritivo. Como instrumento foi utilizada uma entrevista semiestruturada com 5 familiares de crianças com	Verificar os enfrentamentos sociais destas famílias.	Verificou-se que quatro familiares obtiveram o diagnóstico antes de a criança completar três anos.	Compreendeu-se que a idade dos genitores pode interferir nas chances de a criança apresentar o transtorno. Nota-se que, apesar de apresentarem o diagnóstico precoce, muitas mães relataram a dificuldade de encontrar

		Transtorno de Espectro Autista, cujos dados coletados foram discutidos por meio da análise do conteúdo.			profissionais especializados causando angústia, sofrimento e medo. Cada família tem suas formas de encarar a dificuldade referente ao transtorno e seus paradigmas.
Revista Eletrônica Acervo Saúde.	ALMEIDA, M. T. C. <i>et al.</i> /2021.	Trata - se de um estudo qualitativo, com utilização de grupo focal para coleta de dados. A população - alvo foi constituída por profissionais da saúde diretamente ligadas ao tratamento e/ou estudo de crianças com o TEA.	Investigar, na percepção de profissionais da Saúde, o uso da Cannabis sativa no tratamento dos sintomas e comorbidades associadas ao Transtorno do Espectro Autista (TEA).	Foram identificadas duas categorias: benefícios do uso da Cannabis sativa em crianças com o TEA e desafios encontrados no uso da Cannabis. Os benefícios se relacionam com a melhora dos sintomas associados ao TEA e dentre os desafios, destacaram – se o acesso à Cannabis; o pouco conhecimento sobre sua aplicação no TEA; e a resposta não eficaz em certos casos; além do preconceito de sua utilização.	O uso da Cannabis sativa e de seus metabólitos melhora os sintomas do TEA, aumentando a qualidade de vida dos portadores e de seus cuidadores. Os desafios identificados para seu uso devem ser ultrapassados para que melhorar seu acesso, tornando-se uma alternativa mais viável para o tratamento dos sintomas associados ao TEA.
Revista Latino-Americana de Enfermagem	BONFIM, T. A. <i>et al.</i> /2023.	Estudo qualitativo, baseado no referencial teórico filosófico do Cuidado Centrado na Família, desenvolvido com 22	Sintetizar o cuidado prestado por profissionais de saúde, nos diferentes níveis de atenção, às famílias de crianças com	As descobertas mostram ações centradas em situações pontuais, principalmente nas demandas e necessidades advindas do cuidado da	Destaca-se a necessidade de rever o funcionamento e modo como a rede para o cuidado multiprofissional da criança e sua família está

		profissionais de três equipes multidisciplinares de serviços da Rede de Atenção à Saúde de um município do estado de Mato Grosso do Sul, Brasil. Os dados foram coletados por meio de dois grupos focais com cada equipe, organizados com apoio do software Atlas.ti 8 Qualitative Data Analysis e submetidos à Análise Temática de Conteúdo.	Transtornos do Espectro Autista.	criança e de seu comportamento atípico. Fatores influenciadores para o cuidado à família, como a sobrecarga de trabalho e a pouca experiência profissional, evidenciam a fragilidade da assistência multiprofissional e a invisibilidade da família enquanto unidade de cuidado.	organizada. Recomenda-se a oferta de ações de educação permanente que contribuam com a qualificação das equipes multiprofissionais no cuidado às famílias de crianças no espectro do autismo.
Revista Brasileira de Enfermagem.	BONFIM, T. A. <i>et al.</i> /2020.	Estudo qualitativo, descritivo, que entrevistou nove familiares de oito crianças no espectro do autismo, inseridos nos serviços de saúde, educação pública e Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de municípios do interior da região centro-oeste. Foram utilizadas entrevistas abertas, no ano de 2017. Os dados foram submetidos à análise temática.	Descrever a vivência da família no processo de descoberta do diagnóstico e início do tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista.	No início, houve dificuldade da família na percepção dos primeiros sinais atípicos apresentados pelas crianças. As famílias vivenciam situações de vulnerabilidade, visto que redes de apoio são insuficientes..	Ressalta-se a importância do suporte à família e crianças nessa trajetória oferecido por enfermeiros, profissionais de saúde, escola e dispositivos de suporte social. A escola teve papel significativo no reconhecimento de comportamentos inesperados
Rev. APS.	CORRÊA, I. S.;	Pesquisa descritiva,	Objetivou-se descrever o	Os resultados foram	Concluiu-se que as enfermeiras

	GALLINA, F.; SCHULTZ, L. F./2021.	qualitativa realizada com nove enfermeiras da ESF em um município do Norte de Santa Catarina. Utilizou-se a análise temática para categorização e análise dos dados.	conhecimento da enfermeira da Estratégia da Saúde da Família (ESF) sobre indicadores para a triagem do TEA e sua experiência na aplicabilidade na consulta de puericultura.	construídos em três categorias, sendo uma delas “Conceituando o TEA, descrevendo a importância da triagem precoce e vivenciando a assistência às crianças com TEA”.	desconhecem os instrumentos de triagem para TEA. Quando oportunizado nesse estudo a sua aplicabilidade, as participantes descreveram como de fácil utilização e relataram também a sua relevância.
Psicologia Revista.	CUMIM, J.; MÄDER, B. J./2020.	Trata-se de uma revisão integrativa de literatura. A presente pesquisa foi baseada na análise de resumos encontrados no Portal CAPES através dos descritores: “autismo” e “saúde mental”. Foram utilizados artigos publicados no anos de 2014 a 2019.	Objetiva compreender e discutir qual o espaço que a criança e o adolescente com transtorno do espectro autista ocupam na rede de atenção psicossocial, afim de contribuir com a clínica do autismo no contexto da saúde pública.	Os resultados sugerem a necessidade do estabelecimento de objetivos e critérios mais específicos para cada ponto de atenção, visto que está havendo a sobreposição de atendimentos para algumas pessoas ou até mesmo a falta dele para outras.	Apesar de haver um claro avanço dentro da política de saúde mental voltada a este público, ainda há algumas lacunas que precisam ser mais bem definidas.
<i>Physis</i> : Revista de Saúde Coletiva.	MAGAGNIN, T. et al./2021.	Trata-se de pesquisa de abordagem qualitativa do tipo exploratória e descritiva, realizada com 14 pais cujos filhos frequentam uma escola de educação especial especializada na educação de pessoas com TEA localizada em uma cidade do extremo sul	Compreender os hábitos, dificuldades e as estratégias alimentares de crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista (TEA).	Os dados coletados indicaram. Foram encontradas três categorias temáticas: hábitos alimentares de crianças e adolescentes com TEA; dificuldades alimentares e estratégias alimentares para crianças e adolescentes com TEA. As	As crianças e adolescentes com TEA apresentam uma alimentação diversificada, com tendência a hábitos alimentares disfuncionais e significativo comprometimento nas atividades sensoriais que dificultam a obtenção e o estabelecimento de uma alimentação saudável. Os

		<p>catarinense, por meio de entrevista semiestruturada, com uso da análise de conteúdo temática.</p>		<p>crianças e adolescentes autistas possuem um considerável consumo de alimentos processados e ultraprocessados, além de comportamentos relativos à recusa alimentar, disfagia, baixa aceitação de alimentos sólidos, compulsão alimentar e sintomas gastrointestinais.</p>	<p>cuidadores possuem uma lacuna no conhecimento dos cuidadores relacionados aos aspectos sensoriais do transtorno envolvidos nos hábitos alimentares de seus filhos.</p>
<p>Cad. Pós-Grad. Distúrb. Desenvol v.</p>	<p>NETO, S. G. B.; BRUNONI, D.; CYSNEIRO S, R. M./2019.</p>	<p>A metodologia utilizada foi a revisão narrativa da literatura, realizada por meio de buscas na base de dados eletrônica (Medline/PubMed).</p>	<p>É objetivo deste estudo revisar de modo narrativo a literatura que versa sobre a intervenção psicofarmacológica no TEA.</p>	<p>Um total de 248 artigos foi encontrado para a pesquisa e, após leitura do título e do resumo, sob a égide dos critérios de inclusão, foram excluídos 195 artigos, dos quais 53 foram lidos na íntegra e excluídos os artigos duplicados, bem como aqueles cujo conteúdo não atendia aos critérios estabelecidos, portanto, um total de 37 foi utilizado e compõe este estudo.</p>	<p>Fica evidente a necessidade de pesquisas que possam contribuir para maiores evidências clínicas, bem como para a compreensão dos aspectos farmacoepidemiológicos na população com TEA, favorecendo a expansão, proposição e qualificação das políticas públicas de Medicamentos e Assistência Farmacêutica no tocante à integralidade no processo de manejo clínico.</p>
<p>Para Res Med J.</p>	<p>REIS D.D.L., NEDER P.R.B.,MORAES M.C.,OLIVEI</p>	<p>O estudo observacional, transversal e descritivo, e foi realizado no período de</p>	<p>Caracterizar o perfil epidemiológico dos pacientes diagnosticado</p>	<p>77% do sexo masculino. A faixa etária predominante era dos 5 aos 8 anos (44%). As</p>	<p>O perfil epidemiológico dos pacientes com TEA tem predominância do sexo masculino,</p>

	RA N.M./2019.	setembro de 2018 a fevereiro de 2019, após aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa. Os dados foram coletados dos prontuários dos pacientes com TEA. A coleta foi realizada com 100 pacientes.	s com Transtorno do Espectro Autista (TEA).	comorbidades mais prevalentes foram Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) (11%), deficiência intelectual (11%) e perda auditiva (9%). Em relação ao uso de medicamentos, 46% usam Risperidona e 40% não fazem uso de nenhuma medicação.	na faixa etária entre 5 a 8 anos, cursando o Ensino Fundamental, com comorbidades mais frequentes TDAH, deficiência intelectual e perda auditiva, e em uso de medicações.
Ciência & Saúde Coletiva	ROSSI, L. P. <i>et al</i> /2018.	Foram coletados dados virtuais como: fontes virtuais de informação, serviços de atendimento citados pelas fontes virtuais e tipo de serviço (Público, privado ou ONGs). Através do uso do software Gephi, foi gerado e analisado um sociograma.	O presente artigo tem como objetivo analisar a rede virtual de acesso a informações sobre atendimento para Autismo no município do Rio de Janeiro em 2017, através da perspectiva da Análise de Rede Sociais.	Os resultados apontam para uma predominância de serviços de ONGs na rede, maior centralidade de grau e poder de intermediação desses serviços, além do isolamento dos serviços públicos de saúde.	Pressupõe que o sistema de informações acerca do acesso aos serviços de saúde pública para o tratamento do TEA seja expandido para a população em geral, contribuindo com a melhoria do acesso a esses serviços.
Semina: Ciências Biológicas e da Saúde	SANDRI, J. V. A; PEREIRA, I. A; CORRÊA, T. G. L. P./2022.	Realizada uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa por meio de entrevistas semiestruturadas e áudio gravadas, transcritas na íntegra e analisadas por meio do método de Análise Categorical	Este artigo tem por objetivo, analisar a atuação dos enfermeiros a pessoas com autismo, bem como à sua família, nas Unidades de Pronto Atendimento.	Através da fala dos profissionais entrevistados, ficou evidente que há certo conhecimento sobre o transtorno por parte dos enfermeiros, mas de maneira limitada. Fica clara a necessidade do	Desse modo, destaca-se a importância de uma maior abordagem do TEA na formação acadêmica e continuada desses profissionais, visando a prestação de um cuidado de qualidade e que esteja de acordo com as

		Temática. Participaram da pesquisa 11 enfermeiros atuantes nas Unidades de Pronto Atendimento pertencentes a um município da Foz do Rio Itajaí (Santa Catarina).		papel da família como elo entre o paciente e os profissionais de saúde e a prestação do cuidado humanizado a esses pacientes.	particularidades do sujeito.
Conexão Ci. Formiga/ MG.	SANTOS, C. A.; MELO, H. C. S./2018.	A metodologia utilizada foi uma revisão de literatura.	A finalidade deste estudo foi reunir estudos que comprovem fatores genéticos determinantes e delimitar genes que possuam alterações específicas que diretamente favorecem a manifestação da sintomatologia dos TEA.	Nossos resultados apontam o envolvimento significativo de diversos genes no TEA.	Concluiu-se que indivíduos com TEA possuem uma gama de variação no número de cópias (CNVs) raras, menores que 10kb, em genes específicos, por penetração incompleta provenientes dos genitores ou mutações <i>de novo</i> modificadas no provando, que são detectadas pela técnica de hibridização genômica comparativa (array-CGH) utilizada no diagnóstico dos TEA.
Revista Atenas Higeia	SILLOS I. R. <i>et al</i> /2019.	Realizou-se a busca de artigos indexados, no período de maio de 2019 a junho de 2019, nas bases de dados eletrônicas nos periódicos disponíveis online nas bases de dados: Scientific Electronic Library Online	Objetivo de construção, busca e síntese de evidências e instrumentos disponíveis acerca de diagnósticos precoces e tratamentos do autismo.	Os resultados foram agrupados em dois tópicos (diagnóstico precoce e tratamento) para a análise e a interpretação dos dados, apresentadas a seguir.	O diagnóstico precoce é de extrema relevância para um tratamento eficaz, sendo maiores as chances do indivíduo com TEA se desenvolver e relacionar com os demais membros da sociedade . Os estudos nesta área conscientizam ao s sinais e

		(SciELO), PubMed, PsycINFO e Latin American and Caribbean Health Science Literature (Lilacs), nos idiomas inglês, espanhol e português. Após a seleção das bases de dados, foram definidas as palavras-chaves.			sintomas precoces de crianças, como para acabar com preconceitos ainda existentes e traçar medidas de inclusão na sociedade.
Ensino em Perspectivas	SILVEIRA, N. M. G. .; SANTOS, L. K. F. .; STASCXAK, F. M./2021.	Pesquisa com abordagem qualitativa de cunho bibliográfico realizada por intermédio de uma revisão da literatura a fim de acessar pesquisas que enfatizam a produção do conhecimento no que concerne ao autismo.	O objetivo deste estudo é refletir sobre os desafios das crianças com autismo no contexto da educação inclusiva.		Conclui-se, portanto, que os processos de aprendizagens dos alunos com autismo são mais suscetíveis ao sucesso quando estes recebem estímulos pautados em atividades lúdicas, favorecendo assim, a interação entre todas as crianças inseridas na Educação Básica.
Revista Brasileira de Enfermagem [online].	Weissheimer, G. <i>et al.</i> /2021.	Estudo qualitativo, realizado por meio de entrevista semiestruturada e audiogravada com 55 familiares, nos estados do Paraná, Ceará e Macapá, entre setembro de 2018 e setembro de 2019.	Identificar as demandas de informações das famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autista.	Identificou-se que as famílias necessitam de informações referentes às características do Transtorno do Espectro Autista (definição, causa, possibilidade de cura, prognóstico e a probabilidade de ter outro	As demandas de informação são relevantes para subsidiar os profissionais, gestores de saúde e de outros serviços na organização da atenção à saúde para apoiar as famílias de crianças com autismo.

		Utilizaram-se análise categorial temática e os recursos do Qualitative Data Analysis Software.		filho com Transtorno do Espectro Autista); a rotina e o comportamento da criança; os direitos e as expectativas futuras.	
--	--	--	--	--	--

Fonte: elaboração própria

Os estudos demonstraram que o Transtorno do Espectro Autista (TEA), conforme definido pelo DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), é classificado como um distúrbio do desenvolvimento neurológico. Ele se caracteriza por dificuldades na comunicação e interação social, juntamente com comportamentos repetitivos e restritos. A expressão dessas dificuldades varia amplamente em termos de intensidade e forma, tornando o processo diagnóstico longo e complexo. Esse diagnóstico depende da observação do indivíduo e dos relatos de seus cuidadores e familiares, pois são eles que possuem o contato mais próximo com a criança (SANDRI; PEREIRA; CORRÊA, 2022).

O uso do termo "espectro" se deve à grande diversidade nas manifestações dos transtornos, que podem variar consideravelmente com base no desenvolvimento, idade e gravidade do autismo. No entanto, o termo "autismo" refere-se à dificuldade de manter contato com a realidade (SANTOS; MELO, 2018).

As pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) enfrentam desafios ao expressar suas emoções e adotam uma rotina ritualística, exibindo comportamentos estereotipados. Os primeiros sinais óbvios desse transtorno geralmente surgem entre os dois e três anos de idade, embora, em alguns casos, possam aparecer entre os doze e dezoito meses. Geralmente, são os familiares que percebem os primeiros sintomas, como comportamento incomum por parte da criança, levando-os a buscar ajuda profissional. No entanto, receber o diagnóstico é sempre uma notícia impactante para os membros da família (SOUZA; SOUZA, 2021).

A origem do Transtorno do Espectro Autista (TEA) é amplamente desconhecida, embora haja conhecimento de que fatores genéticos desempenham um papel importante em seu desenvolvimento. Além disso, há indícios de que a idade dos pais, prematuridade, baixo peso ao nascer, condições ambientais e fatores pré-natais também podem influenciar o surgimento do TEA. A falta de um diagnóstico padrão infalível para confirmar essa condição torna o diagnóstico desafiador. A etiologia do TEA é objeto de intensa pesquisa, mas ainda não está completamente compreendida, sendo provavelmente o resultado de uma complexa interação entre fatores genéticos e ambientais. Da mesma forma, o TEA ainda não possui uma cura estabelecida (SILLOS I. R. *et al.*, 2019).

Aproximadamente uma em cada 160 crianças em todo o mundo é afetada pelo Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essa prevalência, embora desconhecida em muitos países, tem aumentado globalmente, especialmente nas últimas cinco décadas. Isso se deve principalmente ao aumento da conscientização da população e à expansão dos critérios e instrumentos de diagnóstico (SANDRI; PEREIRA; CORRÊA, 2022).

A incidência atual do TEA é de cerca de 1 caso para cada 68 crianças. Isso significa que o TEA afeta mais crianças do que doenças como diabetes, câncer, AIDS

e síndrome de Down combinadas. O Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) estimou em 2010 que o transtorno ocorre com maior frequência em meninos do que em meninas, na proporção de 4 a 5 meninos para cada menina. Essa diferença na proporção de gêneros afetados pelo TEA pode ser explicada por estudos que sugerem a influência genética, nos quais se acredita que a testosterona circulante se liga a receptores cerebrais, aumentando a excitação cerebral, principalmente na região da amígdala, tornando os meninos mais propensos ao estresse e ao TEA (REIS., et al., 2019).

É importante que os profissionais de saúde detectem prontamente os primeiros indícios do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Isso permite encaminhar a criança para diagnóstico precoce, abrindo caminho para o início de terapias especializadas e educação adaptada. Essa abordagem pode proporcionar condições mais favoráveis ao desenvolvimento e futuro da criança. Estimular as habilidades nos três primeiros anos de vida é crucial devido à flexibilidade das estruturas cerebrais (CORRÊA.; GALLINA; SCHULTZ, 2021).

O reconhecimento precoce de possíveis desvios no desenvolvimento também deve ocorrer durante o acompanhamento da criança em serviços de saúde primária, como consultas de rotina e vacinações. Para isso, a equipe de saúde deve estar preparada para identificar os primeiros sinais do TEA e garantir o devido encaminhamento e acompanhamento para a criança e sua família. No entanto, estudos revelaram que os profissionais enfrentam desafios ao reconhecer atrasos no desenvolvimento, tornando essencial investir em treinamento e fortalecer as políticas públicas (BONFIM, et al., 2020).

O diagnóstico do TEA é categorizado em diferentes níveis de apoio, variando de leve a grave, com base nas necessidades individuais. Os sintomas do TEA abrangem um espectro amplo, variando de limitações significativas a manifestações que se assemelham às de pessoas sem o transtorno (SOUZA; SOUZA , 2021).

As pesquisas realizadas indicam que o diagnóstico do TEA muitas vezes não ocorre antes dos cinco anos de idade, e algumas crianças só recebem o diagnóstico quando ingressam na escola. Esse atraso pode prejudicar o desenvolvimento social, comportamental e psiconeural adequado, bem como o suporte à família. Em alguns casos, a família pode não perceber os sintomas ou não buscar ajuda até a idade escolar da criança (CORRÊA; GALLINA.; SCHULTZ, 2021).

É amplamente reconhecido que identificar o transtorno e iniciar intervenções precoces, como terapias comportamentais e abordagens de integração sensorial, pode melhorar significativamente o prognóstico de desenvolvimento, adaptando-se às necessidades individuais de cada criança, pois as manifestações do TEA podem variar consideravelmente (BONFIM, et al., 2020). Os artigos demonstram uma variedade de abordagens, como intervenções educacionais, psicossociais e farmacológicas.

Os estudos até agora revelaram que não existem medicamentos específicos direcionados para tratar o Transtorno do Espectro Autista (TEA). No entanto, é notável a variedade de medicamentos que ocasionalmente têm sido utilizados para abordar sintomas particulares desse transtorno. Estes incluem antipsicóticos atípicos (como risperidona, olanzapina e clozapina) para tratar hiperatividade, irritabilidade, agressividade ou comportamento autolesivo; inibidores seletivos da recaptação de serotonina (ISRS) (como citalopram, fluoxetina e sertralina) para lidar com comportamentos repetitivos e ansiedade; antagonista opióide (naltrexona) e psicoestimulante (metilfenidato), ambos para abordar a hiperatividade, além de

medicamentos que afetam o sono, como a melatonina, que age como um regulador no sistema nervoso central (NETO; BRUNONI; CYSNEIROS, 2019).

Além disso, existem outras opções de tratamento para o TEA, incluindo o uso emergente da Cannabis Medicinal e seus compostos para gerenciar vários sintomas, como ansiedade, epilepsia, hiperatividade, tiques e ataques de raiva associados ao TEA. No entanto, um dos principais desafios nesse contexto é garantir a acessibilidade a esses tratamentos (ALMEIDA, *et al.*, 2021).

O controle dos sintomas do TEA tem o potencial de aumentar a independência do paciente e melhorar sua capacidade de realizar atividades diárias, como vestir-se e tomar banho de forma autônoma, bem como melhorar suas interações sociais. Isso pode, por sua vez, facilitar a adesão a terapias complementares, como terapias cognitivas-comportamentais ou de fala, contribuindo para melhor qualidade de vida tanto para a criança quanto para seus cuidadores (ALMEIDA, *et al.*, 2021).

Visando implementar os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), o Ministério da Saúde instituiu a Política Nacional de Humanização (PNH), cujo propósito é realçar a humanização como a incorporação e aceitação das diversidades no gerenciamento e tratamento da saúde. Isso engloba receber o paciente com reconhecimento de suas singularidades por meio de uma escuta cuidadosa e estabelecer ambientes de atendimento que promovam conforto e qualidade de vida (SANDRI; PEREIRA; CORRÊA, 2022).

A enfermagem desempenha um papel crucial na linha de frente da assistência à saúde, frequentemente sendo o primeiro ponto de contato dos pacientes com os serviços de saúde. É responsabilidade do enfermeiro encaminhar e buscar soluções para os problemas, promovendo a qualidade de vida não apenas para o paciente autista, mas também para seus familiares. Para isso, é fundamental investir em formação profissional para adquirir conhecimento técnico-científico necessário para reconhecer o TEA e aplicar práticas de atenção à saúde relacionadas à comunicação e ao tratamento, levando em consideração a complexidade e o impacto do diagnóstico na dinâmica familiar (SANDRI; PEREIRA; CORRÊA, 2022).

Nesse sentido, a família desempenha um papel significativo tanto no apoio quanto no recebimento do cuidado, sendo parte integrante desse processo. Assim como o apoio familiar pode ser benéfico, também pode haver interferências negativas. Alguns enfermeiros relatam que a superproteção por parte de alguns familiares pode afetar a prestação de cuidados, o que se manifesta como um excesso de preocupação com o que acreditam ser prejudicial. No entanto, essa situação pode ser abordada pelo profissional ao interagir com o acompanhante não apenas como mediador do paciente, mas como um indivíduo a ser cuidado. Isso é particularmente importante devido aos sentimentos de insegurança, impotência e medo frequentemente presentes em famílias que lidam com o TEA (SANDRI; PEREIRA; CORRÊA, 2022).

Os estudos demonstraram que o momento em que a família recebe o diagnóstico de autismo representa o primeiro desafio significativo que eles enfrentarão. Após o diagnóstico, é comum que a família, especialmente a mãe, inicialmente negue a existência do transtorno. Essa fase de negação é um mecanismo de defesa temporário, mas com o tempo, os pais acabam aceitando a realidade de ter um filho com TEA. Esse processo pode ser comparado a um "luto simbólico", no qual os pais vivenciam a perda da ideia de um filho "perfeito". Após o diagnóstico, é fundamental que a família receba apoio de profissionais, pois está se adaptando a uma nova realidade relacionada ao TEA e precisa de orientação e esclarecimentos sobre o transtorno, que muitas vezes é cercado de tabus e estigmas (SOUZA; PINTO DE SOUZA, 2021).

As dificuldades dos pais em aceitar o diagnóstico podem estar relacionadas à preocupação com o futuro da criança (conforme Alencar de Souza e Pinto de Souza, 2021). A abordagem de cuidados de saúde para essas famílias deve se basear em escuta atenta, acolhimento, discussões em grupo, visitas domiciliares e orientações adaptadas às necessidades individuais das famílias, além de encaminhamentos para especialistas (BONFIM, *et al.*, 2023).

Nos últimos anos, temos testemunhado avanços notáveis nas políticas públicas voltadas para indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Brasil. Um desses avanços está relacionado à criação da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), que estabelece pontos de atendimento específicos para pessoas com desafios mentais, abrangendo uma variedade de unidades e serviços, incluindo os diversos tipos de Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). De acordo com as diretrizes do Ministério da Saúde, os CAPS e CAPSi têm a finalidade de oferecer tratamento para o autismo. Além disso, a implementação da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, conforme estabelecido pela Lei 12.764, de 11 de dezembro de 2012, formaliza o reconhecimento legal de que o indivíduo com TEA é considerado uma pessoa com deficiência (ROSSI, *et al.*, 2018).

Os artigos destacaram que os indivíduos têm acesso aos direitos estabelecidos para pessoas com deficiência, conforme estipulado na legislação, abrangendo, entre outros, o direito à educação e à formação profissional. A garantia do direito à educação abrange todos os níveis de ensino, com o objetivo de promover o pleno desenvolvimento das capacidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais da pessoa, considerando suas características, interesses e necessidades de aprendizado. Portanto, é de extrema importância que as famílias estejam bem informadas para pleitear esses direitos em favor de suas crianças e para auxiliar na promoção da independência futura delas (WEISSHEIMER, *et al.*, 2021).

A Educação Inclusiva é caracterizada pela participação integral de todas as crianças em todas as atividades oferecidas pela escola, sem exceções. Isso acontece porque a escola assume a responsabilidade de desempenhar um papel ativo na promoção do desenvolvimento completo dos alunos, sem discriminar com base em suas características individuais, particularidades ou estado de saúde (SILVEIRA; SANTOS; STASCXAK, 2021).

Além disso, a escola desempenha um papel fundamental na identificação precoce de possíveis sinais de problemas de saúde, auxiliando as famílias ao orientá-las na busca por assistência em serviços de saúde ou educação especial, com o objetivo de realizar avaliações iniciais. Pesquisas destacam a importância dos professores e da própria escola na detecção de crianças que podem apresentar indícios do Transtorno do Espectro Autista (TEA), uma vez que é na escola que as crianças são estimuladas em várias áreas, incluindo a comunicação verbal e não verbal, bem como as interações sociais. Essas áreas podem ser afetadas quando os primeiros sinais do TEA surgem (BONFIM, *et al.*, 2020).

Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) enfrentam uma maior probabilidade de desafios relacionados à alimentação, como a recusa de certos alimentos, seletividade alimentar, problemas motores e orais, bem como questões comportamentais associadas à alimentação. Além disso, elas podem apresentar deficiências de nutrientes essenciais em comparação com outras crianças da mesma idade. Consequentemente, os padrões alimentares específicos dessas crianças podem levar ao desenvolvimento de carências nutricionais. A gravidade da recusa alimentar e a persistência em consumir apenas certos tipos de alimentos estão primariamente relacionados a sensibilidades gustativas específicas e às

características neuropsicológicas típicas desse transtorno, como a rigidez comportamental. É importante ressaltar que satisfazer a fome da criança com TEA apenas com os alimentos que ela prefere pode diminuir ainda mais seu interesse em experimentar novos tipos de alimentos (MAGAGNIN, *et al.*, 2021).

O profissional da enfermagem deve prescrever terapêuticas adequadas, que visem atender ao máximo as necessidades do paciente e de seus cuidadores a fim de reduzir ou cessar o estresse e ansiedade gerados em todo o processo. Evitar o máximo com que a rotina da criança seja muito modificada, pois, essa mudança brusca e repentina pode gerar um bloqueio, principalmente contra o profissional (PIMENTA, *et al.*, 2021).

Descobrir aos poucos quais são as necessidades diárias e individuais de cada paciente para que não gere uma insegurança e dificulte o tratamento. Saber quais são as possibilidades da família e cuidadores, para que os cuidados realizados em unidades de saúde não sejam tão afastados do que pode ser oferecido em casa.

O autismo afeta principalmente a comunicação e a linguagem, resultando em dificuldades nas habilidades sociais, comunicação não verbal e comportamento inflexível. As crianças autistas podem ter dificuldade em brincar com seus pares, entender as regras dos jogos e identificar a função dos brinquedos. Além disso, é comum que sejam hipersensíveis à luz, ao barulho e a ambientes com muitas pessoas, o que pode dificultar sua participação na escola. Apegar-se a rotinas rígidas é uma característica típica do autismo, tornando a adaptação a mudanças desafiadoras. O desenvolvimento cognitivo e motor também é atípico, variando de acordo com o nível de autismo, com maiores dificuldades nos casos mais severos (NEUROSABER, 2022).

Com o suporte de profissionais qualificados e o apoio dos pais, as crianças autistas têm a oportunidade de desenvolver habilidades essenciais que podem impulsionar seu progresso e até mesmo ajudá-las a descobrir interesses e atividades que sejam de sua preferência (SILVA, 2009).

Crianças que recebem o diagnóstico de TEA frequentemente demonstram um maior grau de comprometimento cognitivo e enfrentam dificuldades nas interações sociais. Como resultado, elas requerem cuidados específicos, incluindo ajustes no sistema educacional e uma abordagem holística para a sua criação. Essas características singulares trazem mudanças na dinâmica familiar, demandando um cuidado prolongado e atento por parte de todos os membros que convivem com a criança com TEA. Isso frequentemente leva a níveis mais elevados de estresse, afetando a qualidade de vida de toda a família (GOMES, *et al.*, 2015).

Os pais de crianças com TEA geralmente começam a suspeitar de uma mudança por volta dos 2 anos de idade, quando a família percebe que a linguagem da criança ainda não se desenvolveu ou não evoluiu para uma fala comunicativa. Outro sinal que chama a atenção dos pais é o fato da criança não responder ao seu nome, o que gera dúvidas sobre sua audição (MAIA, *et al.*, 2016).

É importante e necessário fornecer um acolhimento adequado aos pais cujo filho(a) recebeu o diagnóstico de TEA. Isso pode ajudá-los a lidar com o diagnóstico e permitir uma transição mais suave pelas diferentes etapas do processo de luto, que seguem uma sequência previsível. A primeira etapa é marcada pelo choque, acompanhado por lágrimas e sentimentos de desamparo e desejo de escapar; na segunda etapa, ocorre a incredulidade e a negação da situação; na terceira etapa, há tristeza e ansiedade expressas através de muitas lágrimas e raiva; na quarta etapa, ocorre um equilíbrio, caracterizado pelo reconhecimento de que a condição existe; por

fim, a etapa de reorganização, envolvendo a reintegração e o reconhecimento familiar desse filho (MAIA, et al., 2016).

Outra dificuldade encontrada pelos familiares de crianças com TEA é o tratamento com Cannabis Medicinal e seus metabólitos para manejo de diversos sintomas, como ansiedade, epilepsia, hiperatividade, tiques e ataques de raiva. Pois além de ser de difícil acesso, relacionado ao preconceito, devido a seu uso para fins não medicinais, é um elemento ainda pouco estudado, e por vezes, não ocorre resposta completamente eficaz ao tratamento (ALMEIDA, et al., 2021).

A sobrecarga familiar pode ser amenizada com diagnóstico precoce, informações acerca da condição, construção compartilhada de planos de cuidados e melhorias na rede social de apoio às crianças com TEA e as suas famílias. No que se refere a equipe multiprofissional, são necessárias permanentes sensibilização, preparação e atualização sobre o tema (GOMES, et al., 2015).

O necessário é que a avaliação seja feita por uma equipe interdisciplinar composta, no mínimo, por um neuropediatra e um psicólogo especializado em distúrbios do desenvolvimento. Os profissionais envolvidos na etapa de diagnóstico e tratamento deverão, em conjunto, examinar e analisar cada caso, identificando as características do quadro clínico da criança. Além disso, devem fornecer à família informações detalhadas e esclarecedoras sobre o perfil médico, cognitivo e adaptativo do paciente. É importante que orientem a família a respeito das possíveis abordagens de tratamento e intervenções, ressaltando que o início precoce é mais benéfico para o desenvolvimento da criança (BRASIL, 2021).

A pesquisa atual na área de tratamentos psicofarmacológicos para o autismo se baseia em medicamentos utilizados no tratamento de condições psiquiátricas. Os antipsicóticos atípicos (AAPs), desenvolvidos inicialmente para tratar a psicose, são utilizados como alternativas mais seguras e toleráveis do que os antipsicóticos "típicos". Esses medicamentos, como a clozapina, risperidona, olanzapina, quetiapina, ziprazidona e aripiprazol, são amplamente utilizados para tratar comportamentos mal-adaptativos graves no autismo e em outros transtornos invasivos do desenvolvimento (TIDs), substituindo em grande parte os antipsicóticos tradicionais (NIKOLOV; JONKER; SCAHILL, 2006).

Os principais sintomas-alvo para o uso de antipsicóticos atípicos no tratamento do autismo incluem agressão, automutilação, destruição de propriedade e crises de raiva. A pesquisa sobre esses medicamentos em TIDs foi motivada principalmente por estudos com haloperidol em Nova York. Os antipsicóticos atípicos oferecem vantagens sobre os antipsicóticos típicos, como o haloperidol (NIKOLOV; JONKER; SCAHILL, 2006).

A assistência de Enfermagem é fundamental no acompanhamento do paciente com TEA em todo o processo de diagnóstico e tratamento. A relação entre o enfermeiro e paciente autista é muito importante e delicada, uma vez que na maioria dos casos haverá a dificuldade de expressão oral do paciente, cabendo ao enfermeiro um olhar atencioso, a escuta e prestação de cuidados devem ser diferenciados. Através de orientações dadas aos familiares sobre o autismo, criação de planos terapêuticos que visem à particularidade de cada criança ou paciente, é proporcionado uma melhor qualidade de vida a todos que estão envolvidos em sua criação e convivência (ANJOS, 2019).

Quando integrados a um serviço de saúde, é responsabilidade dos enfermeiros, em colaboração com uma equipe multidisciplinar, garantir que a rotina dessa criança seja mantida ao máximo, minimizando o estresse decorrente desse período traumático de afastamento de tudo o que é familiar para ela. A enfermagem

desempenha um papel crucial na resolução e enfrentamento dos problemas de saúde e agravos que podem ser identificados durante a consulta de enfermagem. Assim, é essencial que o profissional de enfermagem mantenha sua capacidade de reflexão e senso crítico construtivo, a fim de orientar suas ações na promoção do desenvolvimento de políticas públicas embasadas cientificamente e destacar a importância de seu papel na prestação de assistência às crianças com autismo (ANJOS, 2019).

O papel do enfermeiro será ainda mais relevante, se estabelecer uma boa relação, ligação e convívio entre a equipe médica e os familiares, estabelecendo melhor o diálogo entre ambos. O enfermeiro poderá ser a peça chave para realizar um papel importante na interação e comunicação com a criança (ANJOS, 2019).

A relação entre enfermeiro e a criança com TEA é de fato importante, no entanto, deverá estar claro que o paciente terá inúmeras dificuldades e inseguranças, por conta de sua expressão oral e interação social. Por isso se faz necessário o olhar cuidado e uma escuta pautada na singularidade e realizar um atendimento diferenciado. É necessário um tato para alcançar o que não é óbvio ou visível, atuando por intermédio de planos terapêuticos e orientação de familiares. O enfermeiro durante o tratamento de uma criança autista deve desenvolver habilidades de conhecimento específicas, a fim de fornecer uma linha de cuidado individualizado. Suas ações devem ser pensadas de acordo com o grau do transtorno, cooperando de forma positiva no acolhimento e integralidade do cuidado e saber atuar perante a criança e família (PIMENTA, et al., 2021).

4. Considerações Finais

Diante do exposto, o caminho para o desenvolvimento de crianças autistas é repleto de desafios para pais e cuidadores. A jornada requer paciência, compreensão e um compromisso com o bem-estar e o potencial de cada criança. Embora as dificuldades sejam inegáveis, também é importante reconhecer que, com o apoio adequado, essas crianças podem alcançar marcos significativos em seu desenvolvimento. À medida que a sociedade se torna mais consciente e inclusiva, a esperança é que o futuro reserve oportunidades ainda maiores para crianças autistas e suas famílias.

Neste trabalho, os objetivos propostos foram integralmente alcançados. A pesquisa concentrou-se nas dificuldades do cotidiano com crianças diagnosticadas com TEA e utilizou o método de revisão de literatura, o que resultou em conclusões sólidas. Além disso, a questão norteadora que guiou esta investigação foi plenamente respondida, fornecendo insights valiosos sobre os recursos oferecidos para cuidadores e crianças com autismo. Essas conquistas confirmam o sucesso na consecução dos objetivos estabelecidos no artigo e destacam a relevância da pesquisa para o campo da assistência de enfermagem.

Referências

- ALENCAR, D S, R. F.; PINTO DE SOUZA, J. C. Os desafios vivenciados por famílias de crianças diagnosticadas com Transtorno de Espectro Autista. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 8, n. 16, p. 164-182, 5 jan. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/10668>. Acesso em: 06 de Junho de 2023.
- ALMEIDA, M. T. C *et al.* Tratamento dos sintomas e comorbidades associados ao Transtorno do Espectro Autista utilizando Cannabis sativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 4, p. e 6922, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/6922>. Acesso em: 02 de Maio de 2023.
- BONFIM, T. A. *et al.* Assistência às famílias de crianças com Transtornos do Espectro Autista: Percepções da equipe multiprofissional. **Revista Latino-Americana de Enfermagem [online]**. 2023, v. 31. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.5694.3780>. Acesso em: 19 de Maio de 2023.
- BONFIM, T. A. *et al.* Vivências familiares na descoberta do Transtorno do Espectro Autista: implicações para a enfermagem familiar. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, p. e20190489, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/cpkwQJQP8kccvs8zN4LgHCH/?lang=pt#>. Acesso em: 19 de Maio de 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **TEA: saiba o que é o Transtorno do Espectro Autista e como o SUS tem dado assistência a pacientes e familiares**. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/tea-saiba-o-que-e-o-transtorno-do-espectro-autista-e-como-o-sus-tem-dado-assistencia-a-pacientes-e-familiares>. Acesso em: 04 de Junho de 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Transtorno do Espectro Autista (TEA). **[Paraná]: Secretaria da Saúde**. Disponível em: [https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Transtorno-do-Espectro-Autista-TEA#:~:text=O%20Transtorno%20do%20Espectro%20Autista%20\(TEA\)%20%C3%A9%20resultado%20de%20altera%C3%A7%C3%B5es,nos%20primeiros%20meses%20de%20vida](https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Transtorno-do-Espectro-Autista-TEA#:~:text=O%20Transtorno%20do%20Espectro%20Autista%20(TEA)%20%C3%A9%20resultado%20de%20altera%C3%A7%C3%B5es,nos%20primeiros%20meses%20de%20vida). Acesso em: 30 de Abril de 2023.
- CORRÊA, I. S.; GALLINA, F.; SCHULTZ, L. F.. Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras. **Rev. APS**. V 24, n 2: p 282-95, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/32438>. Acesso em: 06 de Junho de 2023.
- CUMIM, J.; MÄDER, B. J. Espaço que a criança e adolescente com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista ocupa na rede de atenção psicossocial: revisão integrativa da literatura. **Psicologia Revista**, v. 29, n. 2, p. 404–421. 2020.

Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/47426>. Acesso em: 19 de Maio de 2023.

ESTRIN, L. *et al.* Barriers to Autism Spectrum Disorder Diagnosis for Young Women and Girls: a Systematic Review. **Rev J Autism Dev Disord**. V. 8, p. 454-470, out. 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34868805/>. Acesso em 16 de maio de 2023.

MAENER M.J., *et al.* Prevalence and Characteristics of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years - Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2018. **MMWR Surveill Summ**. 70(11):1-16. 2021. Disponível em: https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/70/ss/ss7011a1.htm?s_cid=ss7011a1_w. Acesso em: 04 de Junho de 2023.

MAGAGNIN, T. *et al.* Aspectos alimentares e nutricionais de crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 31, n. 1, p. e310104. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/WKnC7ffTK4CJZbgbCJRcChS/?lang=pt#>. Acesso em: 19 de Maio de 2023.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. **Definição - Transtorno do Espectro Autista (TEA) na criança**. 2022. Disponível em: <https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro-autista/definicao-tea/>. Acesso em: 18 de Maio de 2023.

NETO, S. G. B.; BRUNONI, D.; CYSNEIROS, R. M.. Abordagem psicofarmacológica no transtorno do espectro autista: uma revisão narrativa. **Cad. Pós-Grad. Distúrb. Desenvolv.**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 38-60, dez. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072019000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 06 de Junho de 2023.

OPAS (Organização Pan-Americana da Saúde). **Transtorno do Espectro Autista**. 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>. Acesso em: 04 de Junho de 2023.

REIS D.D.L., *et al.* Perfil epidemiológico dos pacientes com Transtorno do Espectro Autista do Centro Especializado em Reabilitação. **Para Res Med J**.;3(1):e15. 2019. Disponível em: <https://app.periodikos.com.br/journal/prmj/article/doi/10.4322/prmj.2019.015#nav2>. Acesso em: 02 de Maio de 2023.

ROSSI, L. P. *et al.* Caminhos Virtuais e Autismo: acesso aos serviços de saúde na perspectiva da Análise de Redes Sociais. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**. V. 23, n. 10, pp. 3319-3326, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320182310.13982018>. Acesso em: 06 de Junho de 2023.

SANDRI, J. V. A; PEREIRA, I. A; CORRÊA, T. G. L. P. Cuidado à pessoa com transtorno do espectro do autismo e sua família em pronto atendimento. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, Londrina, v. 43, n. 2, p. 251-262.

2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1426437>. Acesso em: 19 de Maio de 2023.

SANTOS, C. A.; MELO, H. C. S. Genética associada aos transtornos do espectro autista. **Conexão Ci**. Formiga/MG, Vol. 13, Nº 3, p. 68-78, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uniformg.edu.br:21011/ojs/index.php/conexaociencia/article/view/756>. Acesso em: 10 de Abril de 2023.

SECRETARIA DE SAÚDE. Linha de Cuidado à Saúde da Pessoa com Deficiência Rede de Atenção à Saúde do Paraná. Rede de atenção à saúde do Paraná. Governo do estado do Paraná. 1a Edição. 2023. Disponível em: <https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Linha-de-Atencao-Saude-da-Pessoa-com-Deficiencia>. Acesso em: 03 de Junho de 2023.

SILLOS I. R. *et al.* Importância de um diagnóstico precoce do autismo para um tratamento mais eficaz: uma revisão da literatura. **Revista Atenas Higeia**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 1 - 7, 2019. Disponível em: <http://atenas.edu.br/revista/index.php/higeia/article/view/19>. Acesso em: 06 de Junho de 2023.

SILVEIRA, N. M. G. .; SANTOS, L. K. F. .; STASCXAK, F. M. Os desafios das crianças com autismo à Educação Inclusiva. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 1–12, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6620>. Acesso em: 06 de Junho de 2023.

VOLKMAR, F. R.; WIESNER, L. A. Autismo: guia essencial para compreensão e tratamento; Tradução: Sandra Maria Mallmann da Rosa; Porto Alegre: **Artmed**. 2019. Acesso em: 10 de Maio de 2023.

WEISSHEIMER, G. et al.. Demandas de informações das famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 74, n. 5, p. e20200642, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/VgmBNksLCTLNxs4cFzcf54r/?lang=pt#>. Acesso em: 19 de Maio de 2023.